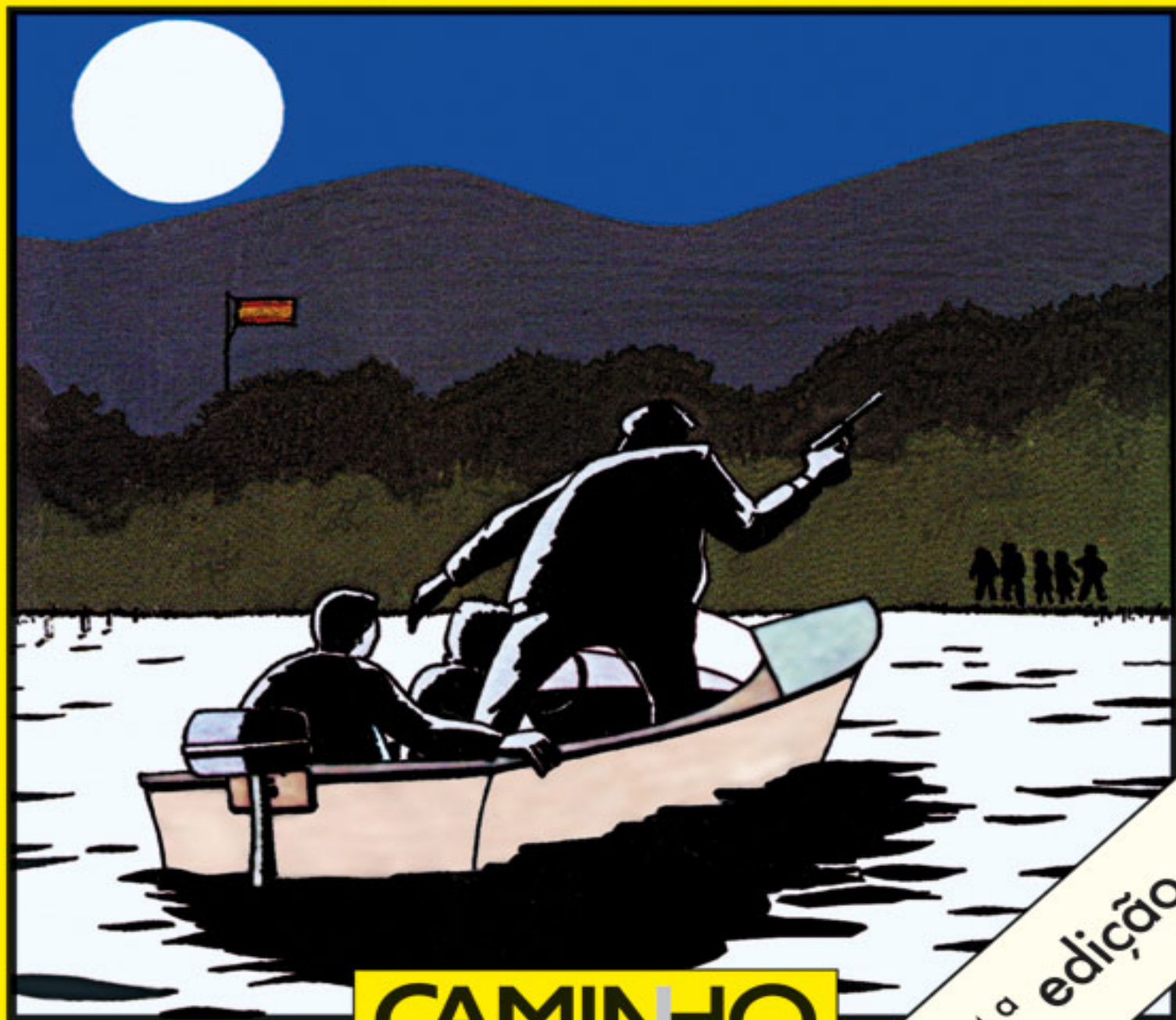


Uma Aventura

Ana Maria Magalhães
Isabel Alçada

Ilustrações de
Arlindo Fagundes

entre Douro e Minho



CAMINHO

14.ª edição

Ficha Técnica

Título: Uma Aventura Entre Douro e Minho
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
© Editorial Caminho - 1984

Ilustrações: Arlindo Fagundes
ISBN: 9789722122498

Editorial Caminho, SA
Uma editora do grupo Leya
Editorial Caminho
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal

www.caminho.leya.com

*Aos queridíssimos
Maria Vitória, Ana,
Ana Constança e Francisco*

Capítulo 1

Acabou o ano!

Naquela manhã, o Pedro levantou-se com uma sensação esquisita de ansiedade. Já estava em férias há alguns dias, mas só se considerava desligado da escola depois de saírem as pautas com os resultados finais. Por ele não havia problema. Tinha passado, com certeza, e a dúvida era entre alguns 4 e 5... O pior era o Chico!

«É por causa do Chico que estou nervoso!», pensou, enquanto se esfregava vigorosamente debaixo do duche.

A água morna, jorrando com força por cima da cabeça e escorrendo pelo corpo, era tão agradável que lhe custava sempre sair do banho. Quando não tinha aulas, tomava banhos intermináveis, que acabavam sempre com a mãe a gritar à porta:

— Pedro! Vais ficar aí todo o dia?

Mas, como não estava ninguém em casa, deixou-se ficar mais um bocado, virando a cabeça para cima e para baixo, para sentir o jacto de água morna alternadamente na cara e na nuca.

— Com as gémeas e o João, tudo bem. Esses estão passados... agora o Chico, se chumbar, vai ficar desesperado. Sobretudo depois do esforço que fez. Por que é que eu não o obriguei a começar a estudar mais cedo? — lamentou-se, em voz alta. — O melhor é despachar-me. Vou à escola, vejo as pautas e logo fico a saber...

Com movimentos rápidos, esfregou-se no lençol turco, até ficar com a pele toda encarnada. Vestiu-se depressa, arranjou um pão e saiu, a correr.

Ao fundo da rua avistou as gémeas que avançavam, devagar, em direcção ao edifício da escola.

— Teresa! Luísa! Esperem por mim...

— Ei! Bom dia! Por que é que estás com tanta pressa?

Ofegante, o Pedro alcançou-as em poucas passadas.

— Vou ver as notas.

— Nós também, ora!

— Estou preocupado.

— Tu?! Estás a gozar, não?

— Não. E por causa do Chico.

— Ah!

— Estou com medo que ele chumbe. Os professores não se quiseram comprometer, deixaram a coisa no ar, que talvez sim, que talvez não...

— Coitado!

— Não é nenhum drama ter de repetir o ano.

— Pois não. Mas para ele vai ser. Fez um esforço tão grande...

— Se ele chumbar, temos de lhe dar apoio, consolá-lo.

— Mas como?

— Não sei.

— Deixem ver primeiro se ele chumba ou não — propôs a Luísa, toda despachada.

— E toca andar! Quanto mais depressa chegarmos, mais depressa sabemos!

O pátio da escola estava a abarrotar de gente. Rapazes e raparigas, alguns pais e mães, formando uma massa compacta, à frente das vitrinas. Uns, chegavam-se apenas por um momento e afastavam-se logo, com uma expressão radiante, desaparecendo de imediato pela rua abaixo. Outros, parecia que não conseguiam desgrudar-se dali, viam as suas próprias notas, as dos colegas, fazendo comentários, voltando atrás para tomar apontamentos num caderninho e... fazendo perder a paciência aos que estavam atrás e também queriam ver.

— Saiam lá daí! — berrava um rapaz, furioso, para duas miúdas. — Quero ver as notas da minha irmã Zélia e não consigo!

— E por que é que ela não vem pessoalmente? Contratou-te para mordomo?

— Está doente! E tu não tens nada que dizer graçolas, ou vê lá se queres... — respondeu ele, dando um encontrão nas duas miúdas, que acharam melhor afastar-se.

Uma rapariga loura soluçava, agarrada à mãe, ambas encostadas à porta da secretaria. A mãe tentava consolá-la, mas ela chorava cada vez mais alto, chamando a atenção de outras mães e de uma empregada. Daí a pouco estava uma data de gente à volta dela.

— Não chore, não vale a pena...

— Para o ano faz melhor!

— Coitadinha! Ela trabalhou tanto! — explicava a mãe, com ar bastante desconsolado.

— Se eu fosse àquela senhora disse a Teresa —, levava a filha para casa, e acalmava-a longe disto tudo.

— Gostam de dar espectáculo, é o que é!

— Não sejam assim — disse o Pedro. — Naturalmente não é nada disso. Pode ser que a mãe não tenha coragem de ir já enfiar-se em casa, sozinha com a filha...

— Estar para ali a dizer que trabalhou muito, que trabalhou muito... se tivesse trabalhado muito, tinha passado, ora!

— Teresa! — atalhou o Pedro, indignado. — Francamente! Então e o Chico? Não trabalhou muito? Se calhar, não foi a tempo, mas fartou-se de trabalhar!

As gémeas caíram em si, um pouco envergonhadas.

— Bem... — ia a começar a Luísa.

— Bem, nada! Somos muito irreflectidos a julgar os outros! Se temos amigos com problemas, que isso nos sirva para percebermos melhor os que não são nossos amigos e têm os mesmos problemas!

— É — disse a Teresa muito séria. — Há muita coisa que só percebemos bem quando nos acontece a nós, ou a uma pessoa de quem gostamos muito.

— E quando não é assim, às vezes somos bastante injustos com os outros. Fazemos troça, quando devíamos ajudar... e outras coisas que a gente sabe! Tens razão, Pedro.

— Bom, vamos lá a ver o que aconteceu ao Chico, suas tontas.

Mas não foi preciso. Afastando toda a gente à cotovelada, lá vinha o Chico, de braços abertos para eles, com uma expressão tão feliz, tão feliz, que o resultado só podia ter sido um:

— Passei! Passei! Passei! — repetiu ele bem alto, abraçando-os, cheio de alegria.

A Teresa e a Luísa empurraram-nos para outra zona do pátio, suavemente.

— Vamos, vamos dar a notícia ao João! Onde é que ele estará?

E as gémeas piscaram o olho uma à outra. Realmente, era escusado fazerem manifestações de alegria ao pé da rapariguinha, que continuava tão triste por ter chumbado...

— Estas férias são grandes de mais — resmungou o pai das gémeas, pondo de parte o jornal e olhando as filhas que, chateadas com o programa, tinham desligado a televisão.

— Oh, pai! Não diga isso!

— Digo, pois! Quase quatro meses! O que é que vocês vão fazer em quatro meses?

— Não se preocupe, que a gente arranja.

— Arranja o quê? Eu e a mãe só temos férias em Agosto. Até lá, ficam vocês a roçarem-se pelas paredes, sem saberem o que hão-de fazer — insistiu o pai.

— Ora!

— O pai tem razão — concordou a mãe, que acabara de entrar na sala com duas chávenas de café num tabuleiro —, eu até já tinha pensado em inscrevê-las num curso de Inglês ou Francês...

— Oh, mãe! — refilaram as duas, em coro. — Nem pense!

— Mas não querem porquê? Era uma ocupação gira, conheciam gente nova, e esses cursos de Verão costumam ser divertidos... Digam lá, preferem Inglês ou Francês?

As gémeas olharam-se, consternadas. As aulas tinham acabado há tão pouco tempo, que a perspectiva de recomeçarem a estudar já não podia agradar-lhes menos. Ainda se fosse em Setembro, depois de uma bela temporada de férias... Que argumento haviam de utilizar para convencerem os pais?

Trrim... A campainha da porta soou mesmo em boa altura. Em vez de dizerem uma à outra «vai lá tu agora, que ainda há bocado fui eu», correram as duas para a entrada, pressurosas. Os pais riram-se.

— Não desistas — disse o pai, em voz baixa —, a tua ideia do curso de línguas é ótima.

— Mas tenho de as convencer, porque se vão contrariadas, não aproveitam nada.

— Isso não é problema, sempre conseguiste convencê-las bem — disse o pai, voltando a pegar no jornal.

Mas foi interrompido pelas filhas, que surgiram, numa euforia, acompanhadas do João.

— Está aqui o João! — anunciou a Teresa, puxando-o por um braço.

Os pais das gémeas sorriram-lhe.

— Olá!

— Estás bom?

— Ele tem uma coisa para dizer — afirmou a Luísa, encorajando-o com o olhar.

— Ah, sim? Então, diz lá.

— A... é que os meus pais vêm agora a Portugal passar férias e...

— Vêm para Lisboa?

— Não, não. Vêm passar férias à terra.

— E onde é a tua terra?

— É no Norte. É uma aldeia pequena, chamada Rates, que fica perto da Póvoa do Varzim.

— Então, estás de partida e vens despedir-te, é isso?

— Não... é que... eu queria levar as gémeas.

— Levar as gémeas? — perguntou o pai, franzindo o sobrolho.

— Sim! — responderam imediatamente os três em coro.

— Não, não, não! Nem pensar!

— Oh, pai! Porquê?

— Porque os pais do João estão separados dele há muito tempo e com certeza querem passar as férias com o filho, descansados.

— Não! Isso não é problema! — disse logo o João, animando-se. — Foi mesmo o meu pai quem mandou convidar as gémeas, o Chico e o Pedro, para passarem uns dias connosco. Está aqui a carta, quer ver?

O João vasculhou nos bolsos, e tirou uma carta, muito dobradinha, que estendeu ao pai das gémeas. Este riu-se.

— Não é preciso, pá! Eu acredito! Se foram os teus pai a convidar... — e olhou para a mulher, a passar-lhe a palavra.

— Isso muda de figura. Eu vou falar com a tua avó, logo à tarde, está bem?

As gémeas atiraram-se ao pescoço da mãe, depois ao pescoço do pai, no estardalhaço do costume. E saíram com o João, felicíssimas.

— Vamos ali a casa do Pedro saber se os pais dele também deixam... — berrou a Luísa, antes de fechar a porta, com estrondo.

Capítulo 2

É bom viajarde comboio!

«Uma estação de comboio é uma coisa cheia de vida!», pensou a Luísa, ao entrar na Estação de Santa Apolónia. «Que animação!»

Sendo princípio de férias, a estação tinha ainda mais gente que de costume. Formavam-se grandes bichas, em frente de cada bilheteira, para a compra de bilhetes ou para pedir informações. Chegavam famílias inteiras, com malas e cestos, rapaziada de mochila às costas, soldados com o ar feliz de quem vai de licença.

As gémeas estavam divertidíssimas, a observar o movimento, quando o pai as chamou:

— Meninas, venham!

Já todos juntos, mostraram os bilhetes a um funcionário fardado que estava dentro de uma casinha, com ar pachorrento, e entraram na zona dos comboios.

Um painel cinzento indicava as horas de partida e de chegada e o número das linhas que deviam procurar, conforme o local para onde se dirigiam. Todo o ambiente era ainda mais animado, com as salas e bancos exteriores repletos de gente. Uma banca vendia jornais e revistas e, à direita, várias portas envidraçadas ostentavam o letreiro BAR-RESTAURANTE.

De vez em quando, uma voz roufenha, que aliás se percebia bastante mal, dava indicações pelo microfone. Talvez fosse por isso que tinham montado ali um *guichet* de vidro e alumínio, onde duas raparigas novas esclareciam melhor as pessoas.

O ar exalava um cheiro característico a metal. A vozearia redobrava, em eco, enchendo aquela estrutura imensa que envolvia tudo e todos.

A avó do João estava obviamente nervosa, cheia de medo de perder o comboio.

— Acalme-se! Não há problema. Temos muito tempo — dissera o pai das gémeas, conduzindo-os ao longo da linha n.º 6, onde o comboio para o Porto já estava estacionado.

— Temos de mudar de comboio no Porto, para seguir para Rates, não é? — perguntou o Pedro.

— É, sim. Mas também não há problema. Vão com calma, que é muito melhor.

O João subiu para a carruagem, puxando o *Faial* pela coleira, seguido pelos outros, que arrastavam as malas. O pai das gémeas ajudou-os a instalarem-se, colocando vários volumes na prateleira por cima dos assentos.

— Este cesto é melhor ir aqui, estou mesmo ver que antes de passarem em Vila Franca já querem comer...

— É o mais certo — disse o pai. E, voltando-se para as filhas, recomendou: — Agora, vejam lá se têm juízo e não vão dar maçada, hã?

As gémeas riram-se e abraçaram-no. Despediram-se todos efusivamente e debruçaram-se logo de seguida, a acenar, na janela.

— Adeus!

— Boa viagem!

— Descansem muito sem nós!

— Cuide do *Caracol*!

— Divirtam-se muito!

O comboio estremeceu, e começou a deslocar-se, devagar.

O Chico fechou a janela e sentou-se, encarando os outros com um sorriso de orelha a orelha.

— Que bom, não é? — perguntou o Pedro, recostando-se também no assento.

— Apetece-me tanto fazer esta viagem!